

FH confirma interesse em tecnologia nuclear

Presidente declara que vale a pena conhecer as pesquisas com o tório, mineral radioativo

NOVA DELHI — O presidente Fernando Henrique Cardoso confirmou ontem o interesse do Brasil em discutir com a Índia o uso do tório para uso pacífico. O tório é um mineral radioativo extraído da areia monazítica que serve como combustível em usinas nucleares. Desde que realizou um teste explodindo uma bomba nuclear, em 1974, a Índia tem dificuldades para importar urânio — que quase não existe em seu subsolo — ou ter acesso a programas de cooperação internacional. Por isso, é o único país do mundo que usa tório nas usinas.

“Vale a pena saber o que eles estão fazendo na área do tório”, disse Fer-

nando Henrique ao ser perguntado ontem sobre o assunto. O secretário de Assuntos Estratégicos, Ronaldo Sardenberg, disse que pode ser assinado entre os dois países um memorando sobre intercâmbio de informações para aproveitamento do tório em medicina e conservação de alimentos, controle do meio ambiente, proteção radiológica, segurança de reatores e desenvolvimento de equipamento nuclear. Ele garantiu que não há discussão que envolva o uso militar da energia nuclear.

Dados fornecidos pelo Itamaraty ao presidente antes da viagem sugerem que o interesse do Brasil em relação ao setor energético da Índia vai além da troca de informações científicas. A longo prazo, o País planeja exportar para os indianos carvão e tecnologia nas áreas de álcool carburante e biomassa. O tório também entraria nas negociações.

Conforme as informações passadas ao presidente, o carvão brasileiro, considerado mais limpo, substituiria em alguns casos o produto indiano, cujos teores de cinzas e enxofre são muito altos. O álcool poderia compensar a escassez de petróleo e evitar o agravamento dos problemas ambientais indianos. “As técnicas de produção de álcool podem ser úteis à Índia”, afirmou o ex-ministro da Ciência e Tecnologia José Goldemberg.

A questão mais delicada para os indianos diz respeito ao tório. “A tecnologia dos reatores indianos, baseada em água pesada e urânio natural, permite o uso do tório como combustível primário”, disse o físico

Cláudio Rodrigues, superintendente do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen). “Foi o único país do mundo que, por razões estratégicas, optou por esse caminho.”

Mesmo o Brasil, dono das maiores reservas mundiais de tório — abundante na Bahia e no Espírito Santo — não pretende introduzir o mineral em seu projeto nuclear. Pesquisas nesse sentido foram encerradas na década de 70

e hoje o tório só é usado para fabricar camisetas de lampiões à gás. “As centrais nucleares brasileiras, baseadas em urânio e água leve, descartam o tório”, explicou Rodrigues.

RESERVAS
NA BAHIA E
NO ESPÍRITO
SANTO

■ Colaborou Luiz Augusto Falcão